

INCENSO E REZAS «AJUDAM» GNR NO ORIENTE

Britânicos T'Pau pecam por presunção

MÚSICOS PORTUGUESES CONQUISTAM MACAU



(Telefoto especial Lusa para «A Capital»)

Com um ritmo sem pontos mortos e Rui Reininho a estabelecer uma comunicação infatigável com o público, na maioria cantonês, os GNR conquistaram a numerosa assistência ao Rock Macau 90

A melhor das atitudes em Macau, mesmo numa visita rápida e de trabalho, é estar preparado para tudo e aberto a algumas surpresas — aos GNR, por exemplo, deparou-se-lhes o facto inédito de uma cerimónia budista ser especialmente destinada a afastar todos os acidentes possíveis durante os seus dois concertos, sábado à noite e ontem à tarde, no Rock Macau 90. «Incenso, rezas e até a partilha de um frango assado em pleno Fórum de Macau, um pavilhão jolivalente que muito jeito daria em Lisboa e no Porto, «ajudaram» os músicos portugueses a conseguir duas claríssimas vitórias «fora de casa», conquistando uma larga fatia do maioritariamente público de língua cantonesa.

Do mesmo não podem gabar-se os britânicos T'Pau, transformados em insuportáveis vedetas nesta viagem ao Oriente. Entre outros incidentes de percurso, o abandono presunçoso de uma conferência de imprensa em Hong-Kong por parte da cantora Carol Decker acabou por valer à banda de Shrewsbury a hostilidade dos asiáticos, que na sua esmagadora maioria saíram da sala ao longo do «show» do sexteto no final da primeira noite. Resultado: as antipáticas «estrelas» europeias passaram para o segundo lugar no concerto de ontem, cedendo o «fim de festa» aos verdadeiros astros do festival — os Beyond, de Hong-Kong, donos de um mercado local que atinge mais de meio milhão de cópias vendidas para cada novo disco lançado.

A tarefa dos GNR estava longe de ser simples, ao contrário do que poderia pensar-se. Mas acaba por perceber-se muito bem se se disser que em Macau a proporção é de um português para cada 100 macaenses e chineses, sendo uma infinidade minória a que compreende português ou inglês. No Fórum, a comunidade portuguesa esteve — como se compreende — sempre em desvantagem, muito embora se tenha feito representar em massa na noite inaugural. O público, maioritariamente adolescente, tinha pago 100 patacas por cabeça (o equivalente a 2 mil escudos), montante reduzido a metade caso se utilizasse o Cartão Jovem.

Assinalável é o facto de o Rock Macau, inaugurado no ano passado com a presença dos Xutos & Pontapes, dos Rádio Macau e de dois grupos de Hong-Kong, ser um festival a «fundo perdido», uma vez que a sua receita serve para subsidiar instituições de apoio à juventude, nomeadamente um centro de recuperação de toxicómanos, considerado vital numa cidade em que esse problema é particularmente sensível, sobretudo porque a droga com grande circulação — e a mais barata — é a heroína.

Ritmo impõe banda do Porto

Rui Reininho e os seus quatro companheiros de palco —



... muito especialmente a secção rítmica de Jorge Romão e Toli César Machado — souberam resolver a contento esse problema de falta de comunicação. Apresentaram um espectáculo em que o ritmo predominou, praticamente sem tempos mortos e que, para os portugueses presentes, equivalerá quase a uma recolha de sucessos, de «Impressões Digitais» a «Nova Gente», passando por «Morte ao Sol», «Pós Modernos», «Dunas», «Dama ou Tigre», «Efectivamente» e «Vídeo Maria», esta só no segundo dia.

Como é habitual, Reininho não se esquivou à improvisação nos textos, introduzindo-lhes um «colorido local» que fez rir o público português, nomeadamente quando em «Nova Gente» aproveitou o verso «É tudo a mesma fruta» para acrescentar «Da melancia ao ananás...». O vocalista da GNR jogou tudo por tudo, falando em inglês, italiano, alemão e chegando mesmo a cantar em cantonês. Ofe-receu à audiência a garantia

de que entrou em palco na noite inaugural, fez o seu «gimmick» habitual de bom actor e razoável dançarino, apesar de uma queda logo na abertura do «show» de sábado, sublinhou de forma eloquente as passagens mais sugestivas e visuais das canções dos GNR.

Com tudo isto, acabou por ser mais aplaudido do que todas as expectativas iniciais sugeriam, sobretudo depois da frieza registada há um ano perante as bandas portuguesas. A comunidade lusitana local teve oportunidade para uma pequena «desforra» perante a maioria cantonesa, que domina de forma esmagadora o mercado musical local, em que as vedetas vêm de Hong-Kong para tomar conta das programações radiofónicas (excluída a Rádio Macau) e televisivas.

A conquista fica, aliás, demonstrada no facto do quinteto português ter sido continuamente solicitado para autógrafos e outras manifestações de afecto pelos asiáticos presentes nas

imediações do Fórum, rendidos ao esforço do grupo. Isto depois dos concertos, uma vez que, antes, especialmente numa sessão de autógrafos promovida pela livraria Cento de Difusão Cultural terem comparecido apenas os portugueses mais interessados em contactar com Reininho e seus pares ou em comprar os «compact-discs» especialmente trazidos de Portugal juntamente com o livro «Afectivamente», de Luis Maio, retrospectiva e perspectiva da obra e das ideias do conjunto — os GNR eram ilustres desconhecidos. Excepto para os «portugas» que acompanharam a par e passo as letras das canções...

Viagem rende programa de TV

Para o grupo do Porto, além do prazer deste contacto com Macau — e a partir de hoje com a China Popular, para onde se dirige parte da comitiva vinda expressamente para o Rock Macau 90 — esta viagem vai render ainda um programa de TV, que, a julgar pela matéria «em bruto», pode vir a ser um acontecimento quando for exibido em Portugal, e muito material gravado que tem sérias hipóteses de se transformar na base do disco ao vivo anunciado para este ano.

No primeiro caso, a equipa da TDM era dirigida por Nestor Ribeiro, que dispunha de cinco câmaras e vai agora iniciar um período de pós-produção de cerca de dois meses. No segundo, já ontem a Rádio Macau fazia eco de algumas das versões «especiais» do espectáculo da véspera.

Segundo Toli César Machado, há mesmo o propósito de os GNR irem a preencher todo o disco «livre» com os registos feitos em Macau. A explicação é simples: «Havia aqui uma série de condições que se torna complicadas reunir em Portugal — o material era excelente, as

condições acústicas eram excelentes e o público respondeu muito bem. Por isso, é muito provável que Macau venha a ter uma importância decisiva no nosso disco, que queremos publicar tão depressa quanto possível...»

Se das condições da sala já se falou, vale a pena apresentar que o som era quase perfeito e que toda a gente da empresa Kai Sun, sediada em Hong-Kong e interessada no mercado português, foi inexcusável, facilitando aos músicos todos os ensaios de som pedidos e disposto de um arsenal de luz assinalável e corrigido passo a passo de acordo com as cadências de cada uma das canções.

T'Pau colhem silêncio

Quem lucrou pouco com essas condições foram os T'Pau, claramente batidos pelas expectativas que cvhagaram a criar. Semearam ventos e acabaram por colher silêncios — na conferência de imprensa realizada em Hong-Kong, a cantora Carol Decker saiu logo após a segunda pergunta quando um jornalista local quis saber se ela se considerava

«sexy». Tentaram explicar-lhe que os asiáticos precisam, nestas coisas, de «aquecimento» para engranar.

A ruivinha de «Bridge of Spies» terá replicado não estar disposta a aturar questões estúpidas e as consequências não tardaram: os T'Pau foram reduzidos a nada perante os Beyond que arrastaram de Hong-Kong a Macau algumas centenas de aficionados.

Os Beyond são quatro juvenzinhos agressivos e bem parecidos, de acordo com os padrões locais, que praticam um pouco a relativa mistura de «hard-rock» e Festival da Eurovisão, com arranjos destinados a fazer ressaltar o seu domínio instrumental. Quanto às letras, como é fácil de prever, não há qualquer hipótese de análise. Quanto à importância local do grupo, basta referir isto: uma das mais poderosas companhias de aviação desta zona tem, nos seus voos intercontinentais, um canal musical à disposição dos passageiros exclusivamente dedicado ao «pop» de Hong-Kong, onde os éxitos são medidos ao milhão. Metade desse canal é ocupado com repertório dos Beyond.

SEIS GOYAS PARA

«O SONHO DO MACACO LOUCO»

CINEMA ESPANHOL DISTINGUE TRUEBA

O filme «El Sueño del Mono Loco» («O Sonho do Macaco Louco») recebeu sábado à noite seis Goya, o prémio mais importante do cinema espanhol, outorgados pela Academia Espanhola de Cinema, premiando nomeadamente o melhor filme e o melhor realizador.

«El Sueño del Mono Loco», realizado por Fernando Trueba, foi ainda distinguido pela melhor adaptação de cenário (Fernando Trueba), melhor fotografia (José Luis Alcaine), melhor montagem (Carmen Frias) e a melhor direcção de produção (José Lopez Rodero).

O Goya para a melhor actriz foi atribuído a Rafaela Aparicio em «El Mar y el Tiempo» («O Mar e o Tempo»), enquanto o galardão para o melhor actor contemplou Jorge Sans em «Si Te Dices Que Cui» («Se Eles Te Dizem Que Cui»).

O melhor papel secundário feminino foi para Maria Asquerino («El Mar e El Tiempo») e o masculino para Adolfo Marsillach («Esquilache»).

O Goya do melhor cenário foi entregue a Agustín Villalonga por «El Niño de la Luna» («O Menino da Lua»). O júri considerou a melhor música a de Paco de Lucía «Montoyas e Tarantolos», uma versão de Romeu e Julieta.

Finalmente, o Goya de melhor filme estrangeiro em língua espanhola foi atribuído à película cubana «La Bella de la Alhambra».

NOVO FORMATO A PARTIR DE ABRIL

«VIA RÁPIDA» EM VERSÃO DIÁRIA

ÁLVARO COSTA, um dos homens dos Media presentes em Macau para o festival, disse a «A Capital» que o programa que apresenta na RTP-2, «Via Rápida», passará a ser diário a partir do próximo dia 2 de Abril. Recorde-se que o «V» foi produzido e realizado em

Londres na Music Box através de um acordo com a RTP, tem a sua emissão habitual à terça-feira, ao fim da tarde, passando agora à periodicidade diária em módulos de dez minutos, exibidos imediatamente antes do «Jornal das Novas». Álvaro Costa, que foi anteriormente respon-

sável pelo «Videopolis», produzido na RTP-Porto, já fez entrevistas exclusivas com Mark Knopfler (dos Dire Straits) e com Ray Davies (dos Kinks), que serão exibidas nos primeiros programas já com novo formato.

A CAPITAL 12/3/90